

## EPICTETO E A PAIXÃO NO CORAÇÃO DO PENSAMENTO. AS DUAS CAUSAS DE CRISIPO E O MERGULHO EM DEUS

*Antonio Carlos Tarquínio,  
doutorando em filosofia pela UNICAMP*

**Resumo:**

*A Doutrina estoíca antiga situou no coração do homem o coração da vida. Epicteto, longe de pregar a insensibilidade, aconselha a vigilância constante e incansável do sentimento a fim de que se não seja levado de roldão pelo vórtice das impressões.*

**Palavras-chave:** phantasía, hormé, hegemonikón, heimarméne, eleuthería, prónoia.

**Abstract:**

*The ancient stoic doctrine situates the heart of men in the heart of life. Epicteto, far from preaching the insensibility, advises the constant and restless vigilance so that the men are not to be taken by confusion by the vortex of false impressions.*

**Key-words:** phantasía, hormé, hegemonikón, heimarméne, eleuthería, prónoia.

O afeto está na base do pensamento, a *phantasia* é gerada pelas impressões do mundo exterior que são involuntárias. Para pensar urge ser afetado e, é preciso dizer, que quem afeta é o próprio Ser porque é ele que empurra “inclinando” a alma. Contudo, assim como, quando empurramos um carro, quem imprime o sentido do caminho é o motorista, o Ser empurra, mas é o homem que decide e orienta o rumo:

Essas representações da alma, que os filósofos denominam *phantasiaí*, pelas quais o espírito do homem é imediatamente afetado, na primeira aparição da coisa que se apresenta na alma, não depende da vontade e são livres, mas, por certa força que lhe é própria, elas se lançam sobre os homens para serem conhecidas. Ao contrário os assentimentos, que são nomeados *sunkatáthesis*, graças aos quais essas representações são reconhecidas e julgadas, são voluntárias e se fazem pela liberdade dos homens.<sup>1</sup>

Eis porque a intérprete Gazolla, em franca oposição à tradição que sedimentou certa exegética dos textos antigos do Pórtico, fala com toda a segurança que os estóicos não são contra as paixões, pois se elas fazem parte da definição do ser desde a sua origem, como é que eles poderiam ser contra?

Os fenômenos de inclinação têm sua sede lá mesmo onde os fenômenos do conhecimento têm a sua; a *phantasia* é inseparável da *hormé*; toda representação indica um objeto de inclinação ou de repulsão, e pela natureza mesmo do ser o movimento se produz.<sup>2</sup>

Conduzindo a palavra em torno às questões diretamente ligadas às impressões, Epicteto ratifica a conexão existente entre a *phantasia* (representação) e a *hormé* (tendência). Tal conexão transparece na forma como o filósofo dirige seus conselhos no sentido de imunizar o praticante de Sabedoria, isto é, o aprendiz de filosofia, contra o poder de sedução e arrastamento das impressões.

Quando vires uma pessoa chorar porque está de luto, ou porque o filho está ausente, ou porque perdeu o que possuía, *coíbe-te de ceder à representação* de que são males que lhe chegam do exterior. Tem sim e desde logo pronta a seguinte representação: aquilo que aflige esse homem não é o que lhe advém [...] é sim a opinião firme que tem disso.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Pierre HADOT, 1992 e 1997, p. 175.

<sup>2</sup> Émile BRÉHIER, 1971, p. 158.

<sup>3</sup> EPICTETO, 2007, p.28. *O grifo é nosso.*

As representações têm de ser vigiadas porque exercem influência direta sobre a alma, gerando as ações, guindadas por elas sem nenhum critério ou abalizadas pelo crivo que estabelece a distinção entre o juízo de valor e a representação verdadeira do real. A *phantasia* é inseparável da *hormé*, ela arrasta a alma invigilante para onde quer. Contudo, se for afrontada com espírito atento, amansa e perde o poder de seduzir e de desencaminhar. A prática da Filosofia consiste em saber distinguir o ilusório do verdadeiro. A *phantasia* sem o controle do siso é fantasia mesmo, isto é, ilusão. Perceber a ligação existente entre a *phantasia* e a *hormé* é muito importante porque esclarece o modo de funcionamento das ações. A alma é movida tanto pela *phantasia* real quanto pela *phantasia* irreal. A diferença significativa entre elas é que sobre a *phantasia* real se constrói a paz da alma, enquanto que com a irreal se constrói o tormento do espírito.

A íntima união existente entre a *phantasia* e a *hormé* se reflete também no modo de compreensão das funções psíquicas da alma racional. Dividida em vários compartimentos nas filosofias anteriores, na *Stoa* ela se apresenta maciça, integrando em torno de um único foco, conhecimento, inclinação e força vital. Paixão e conhecimento coabitam na alma estóica no mesmo endereço, o *hegemonikón*.

## 1. O HEGEMÔNICO

A escola estóica antiga admite uma divisão da alma também. Mas enquanto nas outras escolas a alma racional se apresenta apartada de outras subdivisões, no Estoicismo é ela própria que é dividida, mas segundo um princípio de emanação:

Existem atos ou forças que, sem serem eles mesmos racionais, testemunham que uma atividade racional lhes deu nascimento: assim a linguagem, assim o gérmen que é capaz de se transmutar em uma alma nova; assim as sensações. Donde a divisão da alma em oito partes: as cinco sensações, a linguagem, a parte geradora; a oitava é a razão em si mesma, a parte diretora (*hegemonikón*) de onde emanam todas as outras.<sup>4</sup>

Segundo Crisipo, a sede do hegemônico é o coração, o que significa dizer que o coração é a sede da razão. Atuando a partir do centro vital do homem, ele funciona como as marés, num movimento de fluxo e refluxo, indo do centro à periferia do organismo e desta voltando novamente para o ponto de partida. "A substância [...] do *hegemonikón* [...] se espalha através do corpo". Firmando a coerência da teoria da "mistura total" (*krâsis di hólon*), o

<sup>4</sup> Émile BRÉHIER, 1971, p. 158.

*hegemonikón* se apresenta situado no corpo do mesmo modo como a providência dos deuses no mundo.<sup>5</sup>

É conhecida a metáfora de Crisipo da aranha no centro de sua teia e do polvo no coração dos seus tentáculos para representar a forma de atuação do *hegemonikón*. Essa imagem ajuda a compreender a performance do hegemônico como princípio imanente e ponto de convergência da alma que mantém unidas todas as suas partes: “A razão é o sopro quente que tem sua sede no coração; as partes da alma são emissões do sopro primordial através dos órgãos correspondentes”<sup>6</sup>.

Contudo, às partes da alma é preciso ligar as funções da razão. A representação, que se produz quando o objeto exterior se imprime em sua substância, a inclinação, movimento de tensão da razão, pelo qual ela deseja se unir ao objeto representado e o julgamento, que faz do *hegemonikón* o centro decisório da alma, a faculdade de discernir as representações verdadeiras das falsas:

Acabei de empregar a palavra “alma”. Mas seria mais apropriado falar de princípio diretor, o que os estóicos nomeiam de *hegemonikón*, e que corresponde à parte superior da alma, a parte que raciocina. Como uma aranha no meio de sua teia percebe todas as vibrações dos fios, o *hegemonikón*, situado no coração, percebe tudo o que afeta o corpo. Esse *hegemonikón* é um princípio de percepção crítica, pode-se dizer, mas também um princípio de movimento. Princípio de percepção crítica, porque não somente, como a aranha, percebe a ação de objetos exteriores sobre o corpo, mas exerce também uma atividade crítica: desenvolve um discurso interior, para exprimir o que sente, emite juízos de valor, e dá ou não seu assentimento a esse discurso interior, a esses julgamentos de valor. Mas também princípio de movimento, porque, em função dos sinais recebidos e interpretados pelo *hegemonikón*, este dá impulso para se agir (*hormé*) desse ou daquele modo. É essa a doutrina que está na base da teoria das três atividades da alma de Epicteto.<sup>7</sup>

A doutrina da alma do Estoicismo antigo está na base da teoria das três atividades da alma de Epicteto. Essas atividades, ou, exercícios espirituais, se fossem tomados à parte, representariam sozinhos tudo o que Epicteto ensinou com a palavra e a vida. A mensagem fundamental deles está na

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 166.

<sup>6</sup> Émile BRÉHIER, 1971, p.165.

<sup>7</sup> Ilsetraut et Pierre HADOT, 2004, p.28.

proposta de uma terapêutica das paixões apoiada sobre o diagnóstico de que a etiologia do cancro da alma é proveniente da negligência e do descuido do homem com respeito às representações.

## 2. O SÁBIO TAMBÉM SE EMOCIONA

A preocupação de Epicteto com o uso adequado das impressões, digo, “apresentações” ganha muito mais sentido quando observada à luz da Sabedoria Antiga do Pórtico. Agora se sabe que o homem é um ser senciente cuja afetividade se revela uma parte fundamental de sua essência. Até o sábio é suscetível de se emocionar, ainda que momentaneamente, pela própria índole *impressível* da realidade indissociável do caráter impressionável do *hegemonikón*. O Estoicismo atesta que o homem tem antes de tudo uma relação afetiva com o mundo, e que por isso ele é impressionável:

Quando um som aterrorizador se faz ouvir proveniente do céu ou de um desmoronamento ou anunciando algum perigo, ou se qualquer coisa desse gênero se produz, é inevitável que também a alma do sábio fique um pouco comovida, comprimida e aterrorizada, não que ele julgue que há nisso algum mal, mas em virtude dos movimentos rápidos e involuntários que antecipam a tarefa própria do espírito e da razão.<sup>8</sup>

Somos afetados pelo Ser: essa é a condição humana. Somos afetados e isso é involuntário. O estóico desenvolveu uma terapêutica das paixões porque o hegemônico é basicamente um coração que acolhe o Ser nas malhas da sensação, porque o Ser corpóreo afeta a alma corpórea. Repito, o hegemônico é um coração pensante. Sem vigilância ele pode ser levado de roldão pelos afetos que são a base da sua relação com o mundo.

Quando alguém interpreta erroneamente as marcas dos pés do mundo na areia da alma é levado ao descompasso com a *physis*, tornando-se infeliz: “Mas o sábio não concede imediatamente seu assentimento a tais representações que aterrorizam sua alma, ele não as aprova, mas as afasta e rejeita, e lhe parece que não há nada a temer nessas coisas”<sup>9</sup>.

A alma humana é um coração que pensa. Daí o poder sedutor das impressões quando não crivadas pelo tino, pelo juízo. O hegemônico não pode viver ao sabor das impressões que chegam e é isso que fazem os ingênuos quando se entregam sem discriminação às primeiras fantasias que se lhe formam na alma.

<sup>8</sup> Pierre HADOT, 1992 e 1997, p.175

<sup>9</sup> *Ibid.*, p.175.

Tal é a diferença entre o sábio e o insensato: o insensato pensa que as coisas são como elas aparecem à primeira emoção de sua alma, isto é, atroz e apavorantes, e essas primeiras impressões, que parecem justificar o temor, o desassisado as aprova por seu assentimento.<sup>10</sup>

A morte de um ente querido ocasiona grande sofrimento, e, de fato, é muito difícil a aceitação de tal coisa. Por quê? O hegemônico, recebendo a notícia de que a morte de um ente querido é um mal, se perturba e entra em colapso. Como não foi feito nenhum trabalho filosófico para informá-lo corretamente, o hegemônico fica a mercê das más notícias. Esse é o esquema das paixões da *Stoa*. Com efeito, o hegemônico necessita ser bem informado para não se perturbar e não perder o equilíbrio:

Mas o sábio, ainda que se tenha alterado num breve momento e rapidamente a cor do seu rosto, não dá o seu assentimento, mas guarda a solidez e a força do dogma que sempre teve com relação a tais representações, a saber, que é imprescindível não temê-las.<sup>11</sup>

As notícias chegam sempre. Mas o que se pensa delas depende de cada um. "O que se pensa de alguma coisa"<sup>12</sup> é responsabilidade da pessoa, se ela cuida dessa parte nunca perderá a serenidade interior, uma vez que "o que perturba os homens não são as coisas, mas os seus julgamentos sobre estas coisas"<sup>13</sup>. O hegemônico permanecerá protegido das investidas do mundo exterior, e será como um "promontório onde se quebram incessantemente as ondas; ele queda-se ereto e os estos da maré vêm morrer em seu redor".<sup>14</sup>

Dado que Epicteto faz girar todos os seus comentários em torno ao manifesto "impressionismo" da Escola, pilar em que se apóia a Epistemologia do Antigo Estoicismo, o noticiado "bom uso das impressões" faz com que se manifeste a índole essencialmente passional do ser humano.

O que se conclui de tudo isso é que o homem, além de ser capaz de crivar as representações e ter o poder de afastá-las, se quiser, pode também lhes conceder assentimento. Não obstante, a condição de possibilidade desses fazeres reside num único fato: na sua susceptibilidade. Passível de receber impressões, se emociona e se comove e, se não fosse assim como poderia haver conhecimento? Sem as impressões, que são involuntárias e vêm de fora, do mundo exterior, como haver lugar para o assentimento? Como exercer a liberdade?

<sup>10</sup> Ibid., p.175.

<sup>11</sup> Pierre HADOT, 1992 e 1997, p. 175.

<sup>12</sup> EPICTETO, 2007, p. 23.

<sup>13</sup> Ibid., p. 25.

<sup>14</sup> Marco AURÉLIO, 1973, p. 287.

É no âmbito da teoria do Destino (*heimarméne*) que os estóicos trabalham o conceito de liberdade (*eleuthería*) urdindo uma relação complexa entre o voluntário e o involuntário onde o assentimento cumprirá uma função muito importante. O sábio ama o destino e concorda com ele em gênero, número e grau.

### 3. O DESTINO (*HEIMARMÉNE*)

O destino (*heimarméne*), força motriz da matéria, não difere da Providência (*Prónoia*) e da natureza; O destino é a causa entrelaçante dos seres ou o *lógos* segundo o qual o cosmo é governado [...] eles (os estóicos) dizem que a arte da adivinhação (*mantikén*) possui um fundamento se existe uma providência.<sup>15</sup>

O Destino (*heimarméne*) no estoicismo é muitas coisas. Tem muitos nomes. Possui variadas funções. Com muita frequência aparece nos textos antigos associado ao *lógos*, à *prónoia* e à noção de causa. Contudo, a grande força da *Heimarméne* parece residir em sua capacidade de se apresentar como Razão de ser de todas as coisas. Tomada nesse sentido, ela é o *lógos* que, incrustado na matéria do *cosmos*, assegura a legitimidade dos eventos do mundo conforme uma Razão sábia e providente.

O *lógos* onipresente é nadificante. É plenitude que nihilifica. Preenchendo todos os espaços, nega ao irracional um lugar no mundo. A vida, então, adquire um novo sentido firmado na segurança de uma lei que rege e governa o todo e a parte "com Justiça". "Dá-nos a todos alcançar o Teu pensamento, com o qual reges todo o universo com justiça"<sup>16</sup>.

Segundo Bréhier, as filosofias de Platão e Aristóteles descerram uma concepção de mundo que permite um espaço considerável ao azar e a sorte: "a física estóica se propõe oferecer-nos uma representação do mundo como totalmente dominado pela Razão, sem qualquer resíduo irracional; nada fica entregue ao azar e à desordem, como em Aristóteles e Platão"<sup>17</sup>.

### 4. A ALMA DO MUNDO EXPULSA O ACASO PARA FORA DO MUNDO

A doutrina do destino nasceu da pergunta sobre o porquê das coisas acontecerem assim como acontecem, da especulação sobre as causas dos eventos no mundo. Os filósofos gregos iniciaram essas especulações distinguindo-os em cósmicos e humanos e lhes atribuindo causas diferentes. Platão, por exemplo, consigna ao mito a discussão sobre o destino humano. Esse

<sup>15</sup> Rachel GAZOLLA, 1999, p.63.

<sup>16</sup> Giovanni REALE, 1994, p.312.

<sup>17</sup> Émile BRÉHIER, 1962, p.462.

aparece como uma força que premia os justos e que ao mesmo tempo contribui para o aperfeiçoamento das almas no círculo dos renascimentos. Mas essas noções não têm nenhuma ligação com a idéia de uma vontade superior que fosse capaz de fazer entrar a justiça no mundo.

O motor imóvel de Aristóteles só pensa em si mesmo. Isolado em seu egoísmo divino, também não tem olhos para o mundo:

Quando a confiança na justiça imanente diminui, o destino se torna o princípio de explicação daquilo que nas contingências humanas não depende do homem. É ele que na consciência religiosa dos homens do século quarto se torna acaso ou sorte, a *Tykhé*, que transporta para a vida uma parte do arbitrário.<sup>18</sup>

Contra esse estado de coisas o estoicismo se levanta testificando com muita audácia e coragem a ação providencial de Deus no mundo, que pela força mesma de sua presença desterra todo e qualquer tipo de casualidade. Na concepção estóica de *Kosmos* não cabe o acaso, e o Destino, como *lógos* providencial, governa com perfeição todos os acontecimentos que não dependem do homem. Tudo o que ocorre, ocorre como o Destino quer, e ele quer o bem do todo conforme os desígnios da Razão (*lógos*) que a tudo dirige:

O universo não é a realização mais ou menos imperfeita, contingente e instável de uma ordem matemática; é um efeito de uma causa que atua conforme uma lei necessária, uma vez que é impossível que algum acontecimento se realize de modo distinto ao que acontece efetivamente. Deus é alma de Zeus, a Razão, a necessidade das coisas, a lei divina e o Destino, todos são o mesmo para Zenão.<sup>19</sup>

Zenão para enfrentar o arbitrário que tripudia sobre o acaso utiliza muitas armas: a Providência, a Razão (*lógos*), a causa, a lei, e assim vai. Vale tudo para confirmar a ação providencial que é essencialmente cuidado de tudo no todo, com o fim de expungir o fortuito do mundo, e salvaguardar a natureza divina da natureza.

Nesse particular, não houve, em toda a história do Estoicismo, ninguém que fosse melhor, ou mesmo que se igualasse a Epicteto quanto à sua confiança incondicional na Providência Divina. A água fresca que mana da sua

<sup>18</sup> Émile BRÉHIER, 1971, p.172.

<sup>19</sup> Émile BRÉHIER, 1962, p.467.

palavra vem unicamente dessa fonte. Cingindo o sermão e a vida em torno à crença inabalável na ação providencial da divindade no mundo, Ihe desvela a presença até mesmo nas coisas mais insignificantes.

Epicteto se sente amado pelo Ser, por isso os olhos de seu coração identificam a "Graça" (*kháris*) por toda a parte. Esse sentimento de gratidão (*eukharistía*) é que Ihe ilumina a palavra apaixonada, testemunha do seu deslumbramento com a vida. Essa feliz junção entre a confiança na Providência (cifra da *heimaméne* e do *lógos*) e o sentimento de gratidão produz um bálsamo que Ihe perenizou as palavras, porque ainda hoje é possível dessedentar o espírito na paz dos ensinamentos que elas descerram:

O Destino, que foi, no princípio do pensamento grego, a força totalmente irracional que distribuía a sorte entre os homens, é agora a universal, "razão segundo a qual as coisas aconteceram, acontecem e acontecerão", razão universal, inteligência e vontade de Zeus, que dirige tanto os fatos que nomeamos antinaturais, como as enfermidades, as mutilações, quanto os que chamamos naturais, como a saúde. Tudo o que acontece está conforme com a natureza universal e falamos de coisas contrárias a natureza só com referência a natureza de um ser particular separado do conjunto.<sup>20</sup>

## 5. A CADA UM CONVÉM O QUE A NATUREZA UNIVERSAL TRAZ A CADA UM<sup>21</sup>

Tanto o imperador antonino Marco Aurélio como o escravo-mestre Epicteto insistirão muito sobre esse ponto: os fenômenos ditos contranaturais. Ora se o homem aprendesse a remeter os acontecimentos de sua vida pessoal à "ordem do todo", aquilo que Ihe parece injusto e ocasional Ihe pareceria justificável; legitimado pela Razão Universal, a Alma do mundo que governa o mundo com perfeição:

As obras dos deuses são plenas de providência; as da Fortuna dependem da natureza, ou da urdidura e entretimento do que a Providência dispôs. Tudo dela dimana. Acresce, ainda, o inevitável e o conveniente ao universo, de que és parcela. *É um bem para toda parcela da natureza o que a natureza do universo acarreta* e o que importa à preservação desta.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Émile BRÉHIER, 1962, p.467.

<sup>21</sup> Marco AURÉLIO, 1973, p.319.

<sup>22</sup> Marco AURÉLIO, 1973, p.277. *O grifo é nosso.*

Pierre Hadot nomeará essa forma de considerar as coisas, enquanto exercício espiritual, de um “exercício de morte”. “O ‘exercício de morte’ é, pois ligado aqui à contemplação da totalidade, a elevação do pensamento, passando da subjetividade individual e passional à objetividade da perspectiva universal, isto é, o exercício do puro pensamento”.<sup>23</sup>

Na exata medida em que o praticante de Sabedoria vai abdicando do ponto de vista pessoal, concomitantemente seus olhos são aclarados com a visão da totalidade. Trata-se de uma conversão do espírito egocentrado na escuridão da caverna para a luz ontocentrada da Razão universal.

O resultado ideal desse processo seria a união mística do filósofo com um mundo divinizado. A perfeição da natureza rejeita a idéia de Destino como fator de “fenômenos antinaturais”, a perfeição do Todo aniquila as imperfeições parciais. Em outras palavras, é o homem desalumiado de compreensão filosófica que vê imperfeições onde só existe a graça, a bondade e a perfeição divinas:

Como, pois se pode dizer das coisas exteriores que umas são conforme a natureza e que outras lhe são contrárias? É como se estivéssemos isolados. Assim eu direi que é da natureza do pé ser próprio (ser ele mesmo pé), mas se tu o consideras como pé e não como coisa isolada, seu papel será de chafurdar na lama, de caminhar sobre espinhos e às vezes mesmo ser amputado para salvar o corpo inteiro. Senão ele não será mais um pé. É uma concepção análoga que convém ao nosso assunto. O que és? Um homem. Se tu te consideras como um membro isolado, está conforme a natureza viver até uma idade avançada, enriquecer, se apresentar bem vestido. Mas se tu te consideras como um homem e como parte de certo todo, é no interesse desse todo que tu deves ora sofrer a doença, ora empreender uma travessia e correr riscos, ora suportar a pobreza e às vezes morrer antes da hora.<sup>24</sup>

Esse modo de conceber os acontecimentos receitado por Crisipo, e depois por Epicteto e Marco Aurélio, dá bem a medida e a extensão do conceito de Destino que abrange uma multiplicidade de qualidades que, embora nomeadas com termos diferentes, se afiguram como os tentáculos de um mesmo polvo. Assim são a *Prónoia*, a causa, a lei, a necessidade (*anánke*), a razão (*lógos*), a natureza (*physis*) que, por estarem referidas a uma única realidade *ipso facto*, são intercambiáveis entre si.

<sup>23</sup> Pierre HADOT, 1993, p.53.

<sup>24</sup> EPICTETO, 1969, p.21.

## 6. O QUE NÃO DEPENDE DE NÓS É INDIFERENTE (ADIÁPHOROS)

Todos esses são a *heimarméne* na medida em que manifestem um ou vários dos seus aspectos. Todos são epifenômenos dela. Mas também é preciso sublinhar que tudo depende de qual conceito tome o lugar de fenômeno principal. Se for o *lógos*, então a *heimarméne* assumirá a condição de subproduto dele e assim por diante. Seja como for, o conjunto dessas noções estão a defender um mundo perfeito cujo movimento necessário não admite intervenção alheia. O mundo é assim como é, segundo uma ordem determinada e inflexível, e o homem não pode modificá-lo a seu bel-prazer.

Ora, se a natureza é divina e perfeita e nada nela acontece por acaso, se o Destino é “movimento perpétuo, contínuo, regrado”, e ainda se “Todas as coisas acontecem de acordo com ele”, e mais, se ele é ao mesmo tempo *lógos* (razão) e *prónoia*, então, primeiro, considerado em si mesmo o Destino não pode ser mau.

Levando-se em conta os excelentes atributos da *Heimarméne* é preciso reconhecer que os eventos que têm lugar no mundo, ainda que necessários e determinados por uma lei inflexível, não ocasionam e não podem ocasionar danos a ninguém. A Natureza não é fatora de males. Para Epicteto, por exemplo, imputar aos deuses os males que acontecem aos homens é a forma mais crassa de impiedade que há no mundo:

No que diz respeito à piedade aos deuses, sabe que o essencial consiste no seguinte: ter concepções retas a seu propósito, a saber, que existem, que juntos governam o conjunto das coisas de maneira bela e justa e tu, pessoalmente, te preparas para lhes ceder perante qualquer acontecimento e te conformares com eles de boa vontade, no pensamento que ocorrem devido a uma inteligência maior. Desse modo, nunca dirigirás censuras aos deuses e não os acusarás de não se ocuparem de ti.<sup>25</sup>

No Estoicismo, e esta afirmação vale tanto para o antigo como para o da época Romana, só existe o mal moral, aquele superveniente das escolhas que os homens fazem diante dos acontecimentos que se lhe vêm ao encontro dentro do mundo. Essa a teoria antiga dos *adiaphoroi* (os indiferentes), o diamante que Epicteto engastou nas pedras simples e humildes destas palavras: “Entre as coisas, umas dependem de nós, outras não”<sup>26</sup>. Haveria punhado de palavras mais singelas que estas? Tão puras e desprovidas de aparatos

<sup>25</sup> EPICTETO, 2007, p.35.

<sup>26</sup> EPICTETO, 2007, p.35.

e ostentações? E, no entanto elas encerram uma capacidade extraordinária de transformação.

Os que exercitam essas palavras aprendem a ser serenos diante de quaisquer circunstâncias. A paz de espírito que elas proporcionam parece brotar da capacidade do crescente aprendizado de que é preciso deixar que aquilo que “não depende de nós” siga o seu curso incontornável e necessário sem consentir em se afetar por isso.

Do percebimento do quanto é indiferente o curso dos eventos que “não dependem de nós” deriva a calma da alma ou o caos do espírito. “O Destino do estóico é um princípio fixo de otimismo instalado no seio das coisas, é uma razão de confiança no universo; uma das provas da existência do Destino é, para Crisipo, que “Os sábios se comprazem com o que acontece”<sup>27</sup>.

## 7. DETERMINISMO E LIBERDADE

Do que foi dito é fácil concluir que o estóico não espera manifestações de imperfeição num mundo que ele considera perfeito. Contudo, esse mesmo “princípio fixo” que lhe garante o “otimismo” no respeitante àquelas coisas que “não dependem de nós” é o que aniquila a liberdade humana, dado o seu caráter determinista e inflexível.

A teoria do Destino, ao defender o determinismo em favor de um *cosmos* inteligente e perfeito, não estaria concomitantemente negando a liberdade? Como conciliar no campo doutrinário estóico a necessidade determinista com a necessidade da liberdade? Como enlaçar o involuntário com o voluntário?

Curiosamente, Crisipo responderá a essa injunção doutrinária utilizando um exemplo da Epistemologia da escola. Lembremos que a *heimarméne* como causa é aquilo que vem antes de qualquer acontecimento. Já que nada deriva do nada, tudo que acontece acontece por uma causa. Logo, o Destino é causa antecedente do que acontece.

Mas se tomamos o Destino como causa antecedente, as ações humanas derivariam dele, e a liberdade seria negada. Esse é o estado da questão no *Do Destino* de Cícero, onde se nos é apresentado um argumento de Crisipo que tem por fim articular o Destino com a liberdade “negando que a necessidade deriva do destino e mostrando que o destino concorda com a mestria de si mesmo”<sup>28</sup>.

Contudo, o acadêmico Carnéades não aceita meio-termo entre as contraposições do dilema: ou os atos do agente são determinados por causas antecedentes, e então o destino é verdadeiro, ou, por outro lado, o ato está em seu poder e é determinado por causas totalmente independentes das

<sup>27</sup> Émile BRÉHIER, 1971, p.177.

<sup>28</sup> Émile BRÉHIER, 1971, p. 187.

causas antecedentes e que pertencem seja ao azar ou à espontaneidade ou à vontade do agente, não havendo mais destino<sup>29</sup>. A resposta de Crisipo a esse dilema é a seguinte:

Portanto – diz ele – como aquele que empurrou o cilindro lhe deu princípio de movimento, porém não lhe deu rotação, assim aquela representação apresentada imprimirá certamente e mais ou menos gravará sua imagem em nossa alma, mas o nosso assentimento estará em nosso poder, e, do mesmo modo que se disse do cilindro, impulsionado de fora, ele se moverá quanto ao resto por sua própria força e natureza.<sup>30</sup>

A teoria de Crisipo admite duas causas atuantes nos acontecimentos: a que reside no próprio agente, que é perfeita e principal, e a que atua de fora, que é adjuvante. Por exemplo: sem a representação compreensiva não pode haver assentimento.

“Entre as coisas umas dependem de nós, outras não”<sup>31</sup>, eis a teoria das duas causas de Crisipo condensadas no aforismo de Epicteto. Ela é sem dúvida o pilar que sustenta a idéia de liberdade. Esta no Estoicismo é compreendida à luz da Ontologia, porque decorre do caráter *sui generis* da condição humana em face do *Kosmos*, da Natureza e do Destino. O Estoicismo não está preocupado com a libertação dos escravos, está preocupado com a escravidão do espírito.

Por trás das coisas que “não dependem de nós” está o “Kosmos governado pela razão e pela providência (...) a mente (*que*) penetra em todas as partes do Kosmos, como a alma em nós”<sup>32</sup>, este o domínio do involuntário, debaixo daquilo que depende de nós está a *pessoa moral*, a *proaíresis*, a faculdade de escolher, de assentir ou rejeitar as representações, portanto, a esfera do voluntário.

Epicteto, o escravo alforriado de Epafrodito<sup>33</sup>, fala muito de liberdade. Mas para ele, a liberdade é liberdade para Deus. Ninguém melhor do que ele enlaçou com tanta piedade e devoção a *proaíresis* com a *prónoia*.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p.192.

<sup>30</sup> CICERO, 2001, p.31.

<sup>31</sup> EPICTETO, 2007, p.23.

<sup>32</sup> Diógenes LAÉRCIO, 1987, P.212-213. *O grifo é nosso*.

<sup>33</sup> O dono de Epicteto foi escravo de Nero e posteriormente libertado por ele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARRIANO, Flavio. *O manual de Epicteto*. Trad. Aldo Dinucci. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.
- AURÉLIO, Marco. *Pensamentos para mim próprio*. Lisboa: Editorial estampa, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Pensées*. Trad. par A.I. Trannoy (edição bilíngüe – francês-grego). Paris: Les Belles Lettres, 1925.
- BREHIER, E. *Crisippe et l'ancien stoïcisme*. Paris : Gordon e Breach, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Études de philosophie antique*. Paris : Presses Universitaires de France, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Historia de la filosofía*. Trad. por Demetrio Náñez, Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.
- CÍCERO. *Sobre o Destino*. Trad. de José Rodrigues Seabra Filho, edição bilíngüe, São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Epicteto e a sabedoria estoica*. Trad. Marcelo Perine, São Paulo: Loyola, 2006.
- ÉPICTÈTE. *Entretiens*. texte établi et traduit par Joseph Souilhé avec la collaboration d' Amand Jagu, livres I á IV- texto bilingüe. Grego-francês.
- EPICTETO, *Entretiens*. Trad. J. Souilhé. 1943-1965. 4 v.(Col. Belles Lettres; ed. Bilingüe).
- \_\_\_\_\_. *Manuel*. Trad. J-B. Gourinat. Paris : Presses Universitaires de France, 1998.
- GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estoico – o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Les stoïciens et l'ame*. Paris: Presses universitaire de France, 1996.
- HADOT, Pierre. *La citadelle intérieure (introduction aux pensées de Marc Aurèle)* Paris: Librairie arthème Fayard, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O que é filosofia antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Exercices spirituels et philosophie antique*. Albin Michel, Paris, 2002.
- ILSETRAUT ET PIERRE HADOT. *Apprendre à philosopher dans l'antiquité, l'enseignement du "Manuel d'Épictète" et son commentaire néoplatonicien*, Paris : Librairie générale française, 2004.
- LAËRTIOS, D. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Trad. do grego, introdução e notas, Mario Gama Kury. Brasília: UNB, 1998.
- LES STOICIENS, Textes traduit par Emile Bréhier, edités sous la direction de Pierre-Maxime Schuhl.